



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6413 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: ENTRE AÇÕES PEDAGÓGICAS E COMPROMISSOS

Maria Cristina Rodrigues Oliveira - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Fabíola Silva de Oliveira Vilas Boas - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não se aplica

RESUMO

Este estudo propõe reflexões sobre o processo de formação do leitor no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica. Trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento em um Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade pública baiana em que se busca identificar ações pedagógicas desenvolvidas por professores do Curso Técnico em Informática do CETEP e analisar como estas contribuem para a formação do leitor crítico e autônomo. De natureza qualitativa e pautada numa abordagem colaborativa de pesquisa, o recorte apresentado discute dados produzidos a partir de entrevistas realizadas com cinco professores em julho deste ano. Os resultados parciais mostram que as ações de leitura desenvolvidas são múltiplas; no entanto, ainda é preciso relacioná-las ao contexto de vida e à resolução de problemas da cultura local/global dos discentes.

Palavras-chave: Leitura. Ações Pedagógicas. Educação Profissional

1 INTRODUÇÃO

A formação do leitor, enquanto objeto de investigação, constitui-se um fenômeno complexo e, ainda, necessário no campo de pesquisas que operam na interface Linguagens e Educação. Mesmo analisado sob diferentes abordagens, apresenta-se sempre comprometido com um princípio fulcral: o de formar de leitores emancipados, críticos e sensíveis, capazes de atuar de forma autônoma, autoral e criativa na sociedade.

Nessa perspectiva, a leitura é compreendida como uma prática social, e não apenas um caminhar sobre as letras. Um sujeito, uma vez dono das palavras, torna-se mais dono de sua própria existência, sendo capaz de interpretar o mundo e lançar sua palavra sobre ele. Ler, portanto, implica sempre “percepção crítica, interpretação e ‘re-escrita’ do lido” (FREIRE, 2011, p. 31, grifo do autor).

No contexto escolar, o processo de formação do leitor está diretamente ligado a ações pedagógicas, as quais devem convergir para a busca de soluções que enfrentem os baixos resultados do Brasil, no que se refere à proficiência leitora dos estudantes. Aos professores, então, cabe estar conscientes das amplas funções que a leitura desempenha em diferentes instâncias sociais e na escola, ou seja, atentar para a lacuna entre as práticas de letramento realizadas dentro e fora das salas de aula.

Este estudo resulta do recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento em um Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade pública baiana e propõe reflexões sobre o processo de formação do leitor no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica. Trata-se de uma investigação que surge da inquietação das autoras ao tomar contato com relatos produzidos no cotidiano escolar, tanto por docentes, quanto por discentes, acerca da falta de proficiência leitora de alunos do Centro Territorial de Educação Profissional do Piemonte da Diamantina II (CETEP), campo empírico do estudo, situado no interior baiano. No recorte aqui proposto, são problematizadas apenas as narrativas dos docentes, que se apresentam permeadas de queixas, dúvidas e angústias, apontando ideias de que os alunos não leem, não valorizam a leitura e apresentam resistência ao ato de ler.

É no cerne desse contexto que se busca responder identificar ações pedagógicas desenvolvidas por professores do Curso Técnico em Informática do Centro Territorial do Piemonte da Diamantina II (CETEP) e analisar como estas contribuem para a formação do leitor crítico e autônomo. O espaço empírico é Curso Técnico em Informática da instituição, escolhido por ser aquele apontado pelos professores como o de maior índice de alunos com dificuldades de leitura e também por ser aquele com menor envolvimento, por parte dos alunos, nos eventos e projetos da escola e nas avaliações em larga escala, a exemplo do Sistema de Avaliação Baiano de Educação (SABE).

Os fundamentos teóricos sedimentam a discussão em dois eixos, a saber, leitura e formação docente. Para explorar o primeiro, dialoga-se com Freire (2011), Petit (2013) e Yunes (2002, 2009). Já o debate sobre formação docente baseia-se em Nóvoa (1999, 2020) e outros. De natureza qualitativa, o estudo privilegia a abordagem colaborativa e ancora-se nos estudos Lüdke & André, (1986), Ibiapina (2016), Simionato & Soares (2014), Moraes e Galiuzzi (2016). A entrevista semiestruturada foi utilizada como dispositivo para produção de dados, posto que possibilita envolvimento, interação e reflexão entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

Este artigo subdivide-se em quatro seções. Além desta introdução, tem-se a segunda seção, na qual se discute a concepção de leitura e o lugar que ela ocupa no processo de formação do leitor na Educação Profissional. Na terceira seção, descreve-se, de forma breve, os caminhos metodológicos. E, na quarta, são apresentados e discutidos os resultados parciais do estudo. Além dessas, há uma conclusão.

Os resultados parciais permitem observar que as ações de leitura desenvolvidas pelos docentes do curso analisado são múltiplas, variadas, envolvem diferentes linguagens, priorizam textos de diferentes gêneros. Entretanto, ainda é preciso avançar para ações pedagógicas de leitura pautadas em conteúdos voltados para o contexto de vida dos alunos e para a resolução de problemas da cultura local/global dos discentes.

2 A FORMAÇÃO DO LEITOR NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: CAMINHOS PERCORRIDOS E COMPROMISSOS FIRMADOS

[...] Imagine, meu velho, essa gente com saúde e sabendo ler, que perigo medonho! (AMADO, 1982, p. 189).

O posicionamento do narrador do livro *Tereza Batista, Cansada de Guerra*, do autor Jorge Amado, a quem recorreremos para abrir esta seção, é bastante tencionador ao propósito da discussão aqui traçada, uma vez que a educação, metaforizada pela leitura, é incluída como uma poderosa “arma”, capaz de romper estruturas opressoras e perversas que obscurecem a vida do povo, e pode potencializar a transformação social.

Nesse sentido, é possível pensar o termo “essa gente”, relacionando-o aos sujeitos deste estudo, os estudantes/trabalhadores inseridos na modalidade de Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio. Mobiliza-nos, também, a pensar como a leitura neste universo educacional pode ser um elemento motivador para que os estudantes deixem de ser mero receptores e se tornem seres ativos, críticos e autores de suas próprias histórias.

Ao lançar um olhar para a Educação Profissional no final do século XX e no limiar do século XXI, constatamos diferentes entendimentos acerca do papel social da escola: uns ressaltam a necessidade de um ensino para atender aos interesses do mercado de trabalho; outros defendem o aspecto humanístico de formação. Entendemos a Educação Profissional como uma modalidade de educação que se volta para a formação humana, integral e emancipatória, como um processo no qual os seres humanos produzem culturas, valores e conhecimentos e em que o trabalho é visto como totalidade, compreendido e valorizado mediante suas relações sociais, culturais e históricas.

É nesse sentido que Lima (2019) propõe para a Educação Profissional um currículo integrado com estratégias, conteúdos e metodologias, dando ênfase à contextualização, à busca de resoluções de problemas, reflexões mais amplas e complexas, de modo a possibilitar aos estudantes a elevação da escolaridade e, conseqüentemente, a sua emancipação.

Esse contexto nos mobiliza a pensar que a atuação docente e a formação devem reconhecer a existência de um conhecimento tácito, espontâneo, intuitivo, experimental; um conhecimento construído no cotidiano da prática educativa, a partir do qual o professor fundamenta seu processo de reflexão sobre a experiência prática (NÓVOA, 1999, 2020).

Na Educação Profissional, pensamos, portanto, que a leitura deva ser vista como direito básico, como estratégia para a formação de cidadãos conscientes dos seus projetos e escolhas de vida e dos fundamentos da produção social do trabalho. Recorreremos às palavras de Petit (2013), que defende a contribuição da leitura e seu papel ativo na formação dos jovens quando afirma que “a leitura contribui assim para criar um pouco de ‘jogo’ no tabuleiro social, para que os jovens se tornem um pouco mais atores de suas vidas, um pouco mais donos de seus destinos e não somente objetos do discurso dos outros” (PETIT, 2013, p. 100). A autora instiga-nos a pensar a leitura como um prelúdio ao exercício da cidadania, já que ela desperta “o espírito crítico que é a chave de uma cidadania ativa” (PETIT, 2013, p. 27).

Em suma, concordamos com uma proposta política e pedagógica de leitura que fortaleça a Educação Profissional Integral, de modo colaborar para uma sociedade mais justa e igualitária, com ações docentes que possibilitem aos estudantes à compreensão dos conhecimentos científicos, tecnológicos, culturais e humanísticos.

3. PONTO DE PARTIDA: O TRAJETO METODOLÓGICO

Dada a natureza da pesquisa neste contexto educacional, optamos por um estudo qualitativo, por considerarmos que este é “[...] é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (LÜDKE &

ANDRÉ, 1986, p. 18).

Com relação à abordagem, a colaborativa foi a escolhida por ser uma “modalidade de trabalho crítico caracterizado por tentar compreender, interpretar e solucionar os problemas enfrentados pelos professores, proporcionando informações que permitem a transformação da cultura docente”. (IBIAPINA, 2016, p. 34-35)

Os dados empíricos foram produzidos com base em cinco entrevistas realizadas com professores que lecionam no Curso Técnico em Informática do CETEP II, em Jacobina-Bahia, com duração de 60 minutos, cada uma. A entrevista semiestruturada é um profícuo dispositivo para produção de dados e, de acordo com Simionato & Soares (2014), é uma das mais proveitosas na pesquisa qualitativa, pois proporciona riqueza de detalhes através do movimento de ir e vir, mediante roteiro que guie as perguntas.

Devido à pandemia provocada pelo novo Coronavírus e, em respeito às normas determinadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para o distanciamento social, primeiro fez-se um convite aos professores que lecionam no Curso Técnico em Informática do CETEP por *e-mail*, em junho de 2020, ocasião na qual eles foram informados sobre o objeto de estudo pesquisado, o contexto, os objetivos e relevância da pesquisa.

Cinco professores responderam positivamente. O primeiro possui licenciatura em Geografia; outro em História, e três possuem formação em Letras. Todos possuem pós-graduação *lato sensu*, sendo que dois deles são pós-graduados em Metodologia do Ensino da Educação Profissional. A entrevista foi realizada através da plataforma virtual *Google Meet*, já que esta era conhecida pelos docentes. Por questões éticas, os participantes são identificados por pseudônimos^[1].

Para analisar o material produzido, optamos pela ATD - Análise Textual Discursiva - “que corresponde a uma metodologia de análise de informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos” (MORAES & GALIAZZI, 2016, p.13). A ATD compõe um ciclo de análise organizado em três etapas, a saber: unitarização, categorização e metatexto, as quais possibilitaram o surgimento das categorias Educação Profissional; formação docente e ações pedagógicas de leitura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES: O QUE REVELAM OS DOCENTES DO CETEP?

A leitura não se constrói sobre o nada. Há algo que provoca o leitor, interessa-lhe, instiga-lhe um outro pensamento que lhe permite dar asas à imaginação. (YUNES, 2009, p. 44)

As discussões no campo da leitura apontam que os docentes são importantes mediadores e fomentadores de estratégias de promoção à leitura. As narrativas produzidas apresentam diversas ações pedagógicas e projetos de leitura desenvolvidos pelos professores do Curso Técnico em Informática do CETEP, como mostra o recorte discursivo a seguir:

O ano passado eu fiz várias rodas de conversas que foram muito significativas em relação ao processo da formação do leitor, com os livros: *Quem mexeu no meu queijo* e *Eu Sou Malala*. Confesso que foram atividades que me deixaram bem feliz,

satisfeita, porque eu consegui uma boa participação e a gente fazia perguntas e deixavam que eles falassem também à vontade, e assim eu fazia de uma maneira que todo mundo pudesse falar alguma coisa e que realmente participasse. Aí a discussão fluía. Trazia a história para o contexto, dava exemplo no contexto atual, como seria isso. Fazia as perguntas de intervenção, de modo que o aluno realmente refletisse e construísse significado, de modo prazeroso e ao mesmo tempo necessário para a formação. (Entrevista concedida em 05/06/2020).

O relato de Roda do Deserto leva-nos a conhecer a roda de conversa como uma das ações de leitura presentes no curso, posto que é uma prática que estimula os alunos a lerem e a abrirem-se para o debate de temas instigantes, de interesse local e global. Isso nos remete a Petit, quando esta afirma que “Os *best-sellers* permitem ‘desenferrujar os olhos’ e há mesmo alguns de qualidade que permitem soltar a imaginação, jogar com as palavras. Pode ser também um pretexto para compartilhar, para conversar (PETIT, 2013, p. 175). Nesse sentido, o leitor se identifica com o livro, com os personagens e a trama e, partir do contexto, ele pode (re)construir a narrativa à sua maneira, entender o mundo e ressignificá-lo.

Outra ação pedagógica identificada é a narrada por Multicor, um Café Literário realizado por ela e os pares. “Fazíamos um Café com Sentimentos. Os alunos levavam vários textos, eles liam, eles cantavam, a gente convidava outros professores que gostam muito de ler. Atrelados à comida, era sempre uma festa”. (Entrevista concedida em 05/06/2020).

A professora transforma a sala de aula em espaço de lazer e cultura, como também proporciona momentos de interiorização, concentração e autoconhecimento com o intuito trabalhar também a saúde intelectual dos alunos. O texto literário entra aí como uma espécie de alimento. Esse relato remete a um pensamento de Yunes (2009), para quem o prazer de ler precisa e deve ser uma prática cultivada no dia a dia da escola.

A prática de leitura, além de uma prática social e cultural, é também estratégia para a formação de cidadãos conscientes dos seus projetos e dos fundamentos da produção social do trabalho. A Gincana de Leitura aparece como mais uma ação que ganha visibilidade através da narrativa de Flor:

O projeto de leitura que já existe na escola e que eu já participei é a Gincana de Leitura. Os alunos dramatizam a cenas dos livros, fazem desfiles de personagem caracterizados, produzem vídeos e outras atividades. Eu da área de geografia participei com os alunos, a partir da leitura das obras como: Vidas Secas, O Cortiço, Capitães de Areia, o Auto da Compadecida e outras. Daí, a gente discutia como se davam as relações sociais, econômicas, culturais no contexto da obra. Analisava o retrato das diferentes paisagens e lugares das regiões do Brasil em seus aspectos sociais, econômicos, culturais e naturais das regiões para compreender o modo de vida de uma família brasileira inserida numa sociedade de consumo; a situação dos trabalhadores da área rural e urbana do Brasil. (Entrevista concedida em 10/06/2020)

Interpretamos, nas linhas e nas entrelinhas da professora de Geografia, que essa ação configura um trabalho conjunto voltado para a formação de seres pensantes, reflexivos e críticos, nesse contexto de educação. O dizer se reporta à declaração de Yunes, quando a autora afirma que “resgatar a capacidade leitora dos indivíduos significa restituir-lhes a capacidade de pensar e de se expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de construção sua cidadania, fortalecendo o espírito crítico” (YUNES, 2002, p. 54).

Reconhecemos que a presença das tecnologias digitais em nossa cultura cria possibilidades de leitura e produção, mediante novas interações e colaborações. Nesse

sentido, ações relatadas pelos professores Rosa do Deserto e Sinho apontam para o desejo de implementar uma formação do leitor em várias linguagens, associada às mídias digitais. Rosa do Deserto argumenta que os alunos fazem produção de vídeo, divulgam em plataformas/redes como *facebook*, *whatssap*, *youtube* e diz que “a gente deve experienciar este universo, não só levar o aluno a conhecer, mas também levá-lo a produzir seu material, fazer com que ele seja autor. O professor Sinho, em dado momento, afirma que incentiva leituras na área de Informática e propõe a construção de objetos digitais, como vídeos, *site* e outros.

5 CONCLUSÃO

Os resultados parciais produzidos permitem afirmar que nas ações pedagógicas implementadas pelos sujeitos da pesquisa, num primeiro momento, prevalece a concepção de leitura no viés interacionista, numa perspectiva dialógica que considera o repertório do leitor e a articulação leitor/autor/contexto. As mediações se desencadeiam pelo processo de fruição e buscam promover o acesso aos bens culturais acumulados historicamente pela humanidade.

Compreendemos que são necessárias, em maior grau, ações pedagógicas que preparem os sujeitos para um funcionamento de uma sociedade cada vez mais digital, com sujeitos cada vez mais autônomos e criativos, afinal, a sociedade contemporânea é caracterizada por uma multiplicidade de culturas e de textos multissemióticos (impressos ou digitais), ou seja, textos que se constituem por meio de uma multiplicidade de linguagens (fotos, vídeos e gráficos, linguagem verbal oral ou escrita, sonoridades) que lhe atribuem significados (ROJO, 2009). Portanto, a escola, como agência de letramentos, precisa promover a verdadeira democratização da leitura, pautando-se no compromisso de promover o acesso ao saber, aos conhecimentos formais e do mundo do trabalho, sendo capaz, como nos inspira Petit (2013), de modificar o destino escolar, profissional e social das pessoas.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Tereza Batista Cansada de Guerra**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. Reflexões sobre a produção do campo teórico-metodológico das pesquisas colaborativas: gênese e expansão. In: IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo; BANDEIRA, Hilda Maria Martins; ARAUJO, Francisco Antonio Machado (Org.). **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes**. Piauí: EDUFPI, 2016, p. 33-62.

LIMA, Antônio Almerico Biondi. Apontamentos para a defesa da Educação Profissional emancipatória em tempos de retrocesso. In: _____ **Educação Profissional na Bahia: pesquisa e formação docente**. Salvador-Bahia: EDUFBA, 2019. p.133-154.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. (Coleção educação em ciências).

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores em tempos de Pandemia**. Web conferência (1h e 3 min 25seg) apresentada pelo Instituto IUNGO. Publicado pelo canal YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ef3YQcbERiM>. Acesso em: 23 jun.2020.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. Trad. Celina

Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2013.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SIMIONATO Marta Maria; SOARES, Solange Toldo. **Teoria e Metodologia da Pesquisa Educacional: Ponto de partida para o trabalho de Conclusão de curso**. Paraná: Unicentro, 2014.

YUNES, Eliana Lucia Madureira (Org.). Dados por uma história de leitura e de escrita. *In*: _____ . **Pensar a Leitura: complexidade**. Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

YUNES, Eliana Lúcia Madureira. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymar, 2009.

[1] Os pseudônimos escolhidos pelos docentes entrevistados foram: Flor, Pequena 7, Sinho, Multicor, Rosa do Deserto.